A Bíblia como literatura no Brasil

The Bible as literature in Brazil

La Biblia como literatura en Brasil

Anderson de Oliveira Lima*

RESUMO

Neste artigo queremos atualizar e corrigir algumas das conclusões que divulgamos por meio de nossa tese doutoral em 2015. Discutiremos com novo referencial teórico o que é *ler a Bíblia como literatura* e ofereceremos uma lista das principais obras que propõem abordagens literárias à Bíblia e que estão presentes no mercado editorial brasileiro. Por fim, faremos uma apresentação do trabalho breve, porém arguto, do crítico literário Erich Auerbach, que fornece aos interessados por essas práticas de leitura uma série de boas sugestões para a análise contemporânea das narrativas bíblicas.

Palavras-chave: Bíblia como literatura; Erich Auerbach; crítica narrativa; cultura literária.

ABSTRACT

In this article we want to improve and rectify some of the conclusions that we had divulge through our doctoral thesis in 2015. We're going to discuss with a new theoretical referent what is *to read the Bible as literature* and, after, we're going to offer a list of the main works that propose literary approaches to the Bible in the Brazilian publishing market. Finally, we will present the brief and sharp work of the literary critic Erich Auerbach, who provides those interested in these reading practices some good suggestions for a contemporary analysis of biblical narratives.

Keywords: Bible as literature; Erich Auerbach; narrative criticism; literary culture.

RESUMEN

En este artículo queremos actualizar y corregir algunas de las conclusiones que publicamos a través de nuestra tesis doctoral en 2015. Discutiremos con un nuevo marco teórico qué es leer la Biblia como literatura y ofreceremos una lista de las principales obras que proponen enfoques literarios de la Biblia y que están presentes en el mercado editorial brasileño. Finalmente, presentaremos la breve pero aguda obra del crítico literario Erich Auerbach, quien brinda a los interesados en estas prácticas de lectura una serie de buenas sugerencias para el análisis contemporáneo de las narraciones bíblicas.

Palabras clave: Biblia como literatura; Erich Auerbach; crítica narrativa; cultura literaria.

Introdução

Ao redor do mundo, há um número crescente de estudiosos que dizem ler a Bíblia *como literatura*. Além da conhecida tradição de estudos bíblicos (de caráter predominantemente teológico ou histórico) nas universidades,

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), possui pós-doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e pós-doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

o desenvolvimento de novas práticas de leituras de vieses prioritariamente literários tem ampliado significativamente as possibilidades de se trabalhar com a tradição bíblica desde uma perspectiva acadêmica. Isso é o que diz, por exemplo, o autor e tradutor português Frederico Lourenço, que está empenhado na produção de uma volumosa (e laica) edição da Bíblia grega em seis volumes:

Trata-se de uma tendência crescente em nível internacional: nas grandes universidades do mundo (Harvard, Yale, Princeton, Oxford, Cambridge etc.), a Bíblia está cada vez mais presente, nos cursos de graduação e pós-graduação em humanidades, como matéria de estudo universitário entendido sob uma forma não religiosa (BÍBLIA, 2017, p. 18).

No entanto, mesmo quem dedica algum tempo às abordagens bíblicas que se denominam literárias ainda pode ter dificuldades para responder o que é, efetivamente, *ler a Bíblia como literatura*, e foi com essa questão em mente que este artigo começou a ser produzido.

Atualizando as conclusões alcançadas em pesquisas anteriores (LIMA, 2015), oferecemos neste artigo uma nova tentativa de definir o que é ler a Bíblia como literatura no Brasil. Dividindo o artigo em três partes, introduziremos o leitor nesta problemática primeiramente por meio de uma discussão teórica, passando a seguir à análise de uma pequena amostra da produção bibliográfica da área no Brasil, cujo conhecimento pode ser o caminho mais fácil para quem pretende ingressar na área. Ao final, traremos uma introdução à crítica bíblica produzida por Erich Auerbach com a finalidade de deixar a nosso leitor alguns exemplos e sugerir problemáticas relevantes para futuras pesquisas e análises.

A Bíblia como literatura?

Há muitas práticas de leitura que atualmente se denominam literárias, mas parece que a maior parte dos proponentes dessas abordagens insistem em apenas dois pontos: Primeiro, parte deles afirma, contrariando o que se pensou durante a maior parte da história da leitura bíblica, que *a Bíblia não precisa ser lida como um texto sagrado*, como obra de valor exclusivamente religioso. Isso não significa que a crítica dos textos bíblicos deverá evitar a temática religiosa que predomina em suas páginas, como salienta Suzana Chwartz: “[...] embora essencialmente secular, o estudo acadêmico não deve dessacralizar a Bíblia Hebraica. Não se pode exilar o elemento sagrado de escritos que foram formulados com o propósito explícito de ser literatura sagrada” (CHWARTS, 2008, p. 42). No entanto, novos leitores podem lidar

com essa literatura e com as teologias ali preservadas de maneira não religiosa, sem pretensões dogmáticas, e essa tem sido a postura predominante dos estudiosos aos quais estamos referimos.

Em segundo lugar, indo contra as intenções da erudição bíblica que se desenvolveu entre os séculos XIX e XX, há também aqueles que afirmam que *a Bíblia não precisa ser lida como fonte histórica*, como instrumento privilegiado de acesso ao mundo antigo. Obviamente, não se trata de negar a validade dos trabalhos que usam a Bíblia para ter algum tipo de acesso ao passado, para resgatar algo de nossa história, mas de alertar os leitores da Bíblia sobre a existência de outras práticas de leitura que não estejam limitadas aos interesses de historiadores. Estes estudiosos se interessam pela Bíblia como um livro que é obra basilar da cultura ocidental e que possui valor inestimável como patrimônio cultural para os homens de hoje; dedicam-se a ela, também, por seus efeitos na história humana, mas pensando em sua ampla penetração nos imaginários, em sua presença em tantas instituições religiosas contemporâneas, na inegável influência que essa literatura exerceu sobre artistas e pensadores inumeráveis, no valor ainda reconhecido dos códigos morais ali preservados, na ainda envolvente arte narrativa desenvolvida por seus autores e redatores etc. Noutras palavras, importam-se mais com o que a Bíblia produziu (e ainda produz) na cultura do que com aquilo que, no passado, impulsionou a produção dos textos bíblicos.

Para irmos mais fundo nessa discussão e tentarmos compreender um pouco melhor aquilo que distingue essas novas práticas de leitura bíblica que genericamente se denominam literárias, propomos uma nova e rápida visita ao conceito de “cultura literária” desenvolvido por Richard Rorty:

Em resumo, o autor norte-americano afirmou, num capítulo do livro *Filosofia como política cultural* (RORTY, 2009), que boa parte da elite intelectual do Ocidente passou por três estágios consecutivos em sua maneira de pensar: no primeiro estágio, dominado pela religiosidade, eles esperavam que seriam redimidos por Deus. No segundo, transferiram a maior parte de suas esperanças para a filosofia, para a capacidade humana de explicar o mundo e a vida e lhes dar alguma finalidade. Finalmente, nos últimos duzentos anos estes intelectuais teriam abandonado a busca pelas certezas, teriam se voltado para a literatura, dando início à tal “cultura literária” (RORTY, 2009, p. 155-165).

Segundo Rorty, esse recurso à literatura e suas ambiguidades em lugar dos sistemas de pensamento religiosos e filosóficos é um efeito da falta de expectativas dessa elite intelectual quanto à descoberta de qualquer espécie de *verdade*. Os intelectuais desses tempos recentes não têm confiança em pretensas revelações divinas e não acreditam mais na possibilidade de que

um sistema filosófico criado por uma mente engenhosa possa ser capaz de explicar o mundo satisfatoriamente. De acordo com o diagnóstico de Richard Rorty, esta elite moderna passou a tratar seus textos – tanto os religiosos quanto os filosóficos – do mesmo modo como lidavam com os romances, tomando-os no máximo como produtos brilhantes da mente humana, como coletâneas de diferentes e criativos modos de entender a vida, propostas valiosas para nos inspirar na tarefa de lidar com o mundo e com os caprichos do devir. Assim sendo, as diferenças entre os textos são atenuadas e se tornam meras questões de gênero; livros sagrados como a *Bíblia* são postos no mesmo patamar que importantes obras filosóficas ou literárias. Desse ponto de vista, o que se conclui é que, para os críticos contemporâneos, pessoas que mais se dedicam à literatura (agora incluindo nessa categoria os textos religiosos e filosóficos) estão fazendo um bom investimento, pois assim fazem contatos com mais formas de se viver, experimentam mais maneiras de lidar com essa existência que é, afinal de contas, difícil e aparentemente destituída de significados (RORTY, 2009, p. 164).

Esta “cultura literária” é, noutras palavras, a maneira com a qual os modernos lidam com suas *verdades* plurais, conflitantes e provisórias, uma postura que ainda pisa sobre as pegadas filosóficas de Nietzsche, o destruidor de ídolos que entendeu “a vida como meio de conhecimento”, que considerou uma libertação pessoal o dia em que lhe veio “o pensamento de que a vida poderia ser uma experiência de quem busca conhecer – e não um dever”.¹ Hoje, embora ainda exista uma grande massa que crê na existência daquelas *verdades fixas*, já não são apenas os membros de uma reduzida elite intelectual que leem textos variados em busca de conhecimento e vivências. Cada vez mais pessoas compram livro, viajam, se relacionam, colecionamos diplomas... ou seja, *consomem experiências* numa velocidade acelerada sentindo que estão *vivendo mais* enquanto fazem isso.

Assim, adotando a sugestão de Richard Rorty sobre “cultura literária”, entendemos que é natural que a Bíblia seja lida, nesses dias, *como literatura*, isto é, como uma inspiradora antologia da experiência humana, uma coletânea de fragmentos textuais que, dentre outras coisas, preserva algo da fé de antigas culturas, da arte desenvolvida por sujeitos históricos que, a seu modo, buscavam também suas *verdades redentoras*. E como este é um fenômeno da cultura, uma consequência de uma maneira de pensar que se desenvolve com a modernidade, é também natural que não tenha se originado por obra de uma única mente criativa. As várias abordagens literárias da Bíblia, práticas de leitura diversas que se assemelham apenas porque sempre negam as *verdades*

¹ Nietzsche em *A gaia ciência*, § 324. Citado a partir de postulado de Nietzsche (2012, p. 191).

redentoras (não leem a Bíblia como obra sagrada nem como recurso para a descoberta do passado histórico), respondem à demanda de novos leitores ávidos por vivências, experiências, conhecimentos... e não por salvação.

Por hora, o que foi exposto deve ser suficiente para nos ajudar a seguir pensando no modo como boa parte dos críticos atuais lidam com a Bíblia; ao menos oferece algum esclarecimento introdutório sobre o que querem dizer quando anunciam ler a Bíblia como literatura. A ressalva a ser feita, todavia, é que esse tipo de abordagem não convém somente a acadêmicos, leigos, leitores ateus e agnósticos; antes, mesmo aqueles que se relacionam com a Bíblia como o texto sagrado de sua religião têm se beneficiado das novas tendências lançadas pelos críticos literários, pois estão abertos a novos recursos que lhes permita fazer melhor uso de suas Escrituras e ampliar o alcance da já consagrada literatura bíblica na cultura contemporânea.

O que se espera a partir daqui é que a Bíblia deixe, para um número cada vez maior de leitores, de ser considerada um patrimônio exclusivo de instituições religiosas, e também que se supere o preconceito dos críticos da literatura *secular* que antes não a incluíam entre seus objetos de estudos, seja por uma espécie de reverência inconsciente às Escrituras (efeito das tradições religiosas que tacitamente estão presentes na cultura), seja por ainda vê-la como *baixa literatura*, algo que não merece sua consideração (o que reflete certo desconhecimento relativo à própria literatura bíblica e aos trabalhos que a seguir apresentaremos).

A Bíblia como literatura no Brasil

Podemos dizer que os primeiros sinais claros dessas abordagens literárias da Bíblia no cenário brasileiro foram notados a partir da década de 1990. Neste período um número maior de pessoas tomou conhecimento dessas propostas através da publicação, em língua portuguesa, de algumas obras internacionalmente conhecidas que, desde então, vêm influenciando pesquisadores brasileiros. A seguir, usaremos uma amostra dessas publicações como evidência da presença dessa área dos estudos bíblico no Brasil e como fonte para o entendimento dos rumos que ela tem tomado. Acrescentando novos dados ao que já tivemos a oportunidade de divulgar por meio de nossa tese doutoral (LIMA, 2015), apresentaremos uma breve lista de títulos publicados no Brasil que se propõem a ler a Bíblia como literatura. Mantenhamos nossa atenção concentrada sobre as datas dessas publicações e à linha ideológica das editoras que as publicaram, pois estes dados são relevantes para que mapeemos a abordagem literária da Bíblia no Brasil.

E o primeiro título a ser considerado é o *Guia Literário da Bíblia*, livro organizado por Robert Alter e Frank Kermode. O livro (original de 1987), que apresenta textos diversos que comentam os livros que compõem o cânone, foi publicado no Brasil pela editora Unesp em 1997 numa iniciativa que podemos considerar pioneira. Depois, em 2004 a editora Boitempo publicou *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*, obra do crítico literário canadense Northrop Frye, original de 1982, que também precisa ser conhecida por todo estudioso da área. Entretanto, o principal dos títulos dessa primeira lista provavelmente é o do crítico norte-americano Robert Alter, professor de literatura hebraica e comparada cuja obra, original de 1981, chegou ao mercado brasileiro apenas em 2007 pela editora Companhia das Letras. Trata-se de *A arte da narrativa bíblica*, livro em que o autor reuniu análises que produziu entre 1975 e 1980 com o propósito de lançar nova luz sobre a Bíblia mediante a aplicação de uma abordagem literária contemporânea. Em suma, ele perguntava pelas estratégias de narração empregadas pelos autores bíblicos, pelas funções dos diálogos ali contidos, destacava a importância das repetições nos textos normalmente lacônicos da Bíblia Hebraica, dentre outras preocupações de caráter estritamente literário.

Para os trabalhos mais analíticos não devemos ignorar a presença, no mercado editorial brasileiro, das obras de outros dois críticos literários que tomaram a Bíblia como objeto de análise. O primeiro deles é Harold Bloom, famoso crítico literário norte-americano que aborda passagens da Bíblia Hebraica em livros como *Onde encontrar a sabedoria?* (publicado em 2009 pela editora Objetiva) e *Abaixo as verdades sagradas* (cuja edição é de 2012, da Companhia das Letras). O outro autor é Jack Miles, autor de *Deus, uma biografia* (MILES, 2009) e de *Cristo – uma crise na vida de Deus* (MILES, 2002), ambas publicadas pela Companhia das Letras. Miles escreve “sobre a vida do Senhor Deus como o protagonista – e apenas isso – de um clássico da literatura mundial” (2009, p. 18); ele aborda a Bíblia do ponto de vista do cânone como coleção que, ao encadear livros distintos, cria novos sentidos. Miles lê a Bíblia sequencialmente, avalia e correlaciona a sucessão de ações, descrições e discursos de Deus que são ordenados pela sequência narrativa proposta pela Bíblia Hebraica. Na segunda obra de Miles o biografado é Jesus Cristo; lendo a narrativa multifocal dos quatro evangelhos do Novo Testamento, o autor aborda o problema de Jesus se declarar filho de Deus e, apesar disso, instituir consideráveis mudanças no discurso que o Deus do Antigo Testamento enunciou. Aceitando a afirmação neotestamentária de que Jesus é Deus encarnado, ele questiona o fato de aquele Deus ter mudado tanto.

Há poucos anos chegaram ao Brasil duas obras do português Frederico Lourenço que também contribuirão com as futuras leituras da Bíblia como literatura por aqui. A contribuição mais valiosa é, sem dúvida, a publicação da Bíblia grega pela Companhia das Letras, a qual conta, até aqui, com três volumes publicados (2017, 2018, 2019). Com atestada experiência como tradutor de textos gregos,² o autor apresenta uma bela tradução acrescida de notas de caráter histórico-linguístico que eventualmente impressionam mesmo os leitores já experientes.

Além da Bíblia grega, Lourenço também publicou em 2017 seu *O livro aberto: leituras da Bíblia* (editora Oficina), um livro agradável com 25 capítulos breves com comentários despretensiosos sobre passagens de diversos livros bíblicos. Nas páginas da obra o autor parece se dedicar à Bíblia como um adorador não do Deus que a Bíblia presente apresentar, mas da própria capacidade criativa dos seres humanos, o que resulta numa forma de leitura intensiva, empenhada e também deslumbrada:

Se me perguntarem qual é o texto mais encantador alguma vez escrito em língua grega, a minha resposta só pode ser esta: é o início do evangelho de Lucas, concretamente os seus capítulos 1 e 2 [...] Sem o relato de Lucas, a arte ocidental teria tido uma história infinitamente mais pobre (LOURENÇO, 2017, p. 35).

Estas são algumas das principais obras escritas por autores estrangeiros que propõem e experimentam abordagens laicas e literárias da Bíblia e com as quais os leitores brasileiros foram postos em contato a partir dos anos 1990. É importante notar que todas elas foram publicadas aqui por editoras seculares, tendo a preocupação comum de demonstrar que a Bíblia *não precisa ser lida como obra sagrada*, que não é patrimônio exclusivo de instituições religiosas, que o leitor não precisa se sujeitar às ideologias por ela transmitida nem se converter diante dos imperativos enunciados pela voz do personagem Deus. Lendo-os, vemos os autores indiretamente afirmando que basta, para o leitor da Bíblia, a fruição literária, o deslumbramento diante daquela antiga arte narrativa e das esperanças suscitadas pela fé de antigos escritores.

Mas isto não é tudo. Editoras religiosas também publicaram no Brasil certo número de obras que anunciam ler a Bíblia como literatura e, neste grupo, há certo número de livros que foram produzidos por autores brasileiros. Como no grupo anterior (o das obras publicadas por editoras seculares), não há uma unanimidade quanto ao modo de abordar a Bíblia, mas se faz notar o compromisso assumido pelos autores com algumas teorias literárias contem-

² Lourenço traduziu e também publicou pela mesma editora a *Iliada* e a *Odisseia* de Homero.

porâneas. Como parte dos autores desse segundo grupo iniciou sua carreira tratando da literatura bíblica a partir de paradigmas religiosos, exegéticos, é possível notar essa influência em suas práticas de leitura, mas também fica explícita certa contrariedade relativa à ênfase historicista da tradição exegética. Assim, um pressuposto comum entre as obras desse segundo grupo é o de *que a Bíblia não precisa ser lida como fonte histórica*, como meio de acesso ao passado, ao Jesus histórico, ao cristianismo primitivo, à história de Israel etc.

Desse tipo tivemos, por exemplo, a publicação de *A Bíblia como literatura*, obra do espanhol José Pedro Tosaus Abadía, pela editora Vozes já no ano 2000. No mesmo ano a editora Loyola publicou também um livro intitulado *A Bíblia como Literatura*, dos norte-americanos John B. Gabel e Charles B. Wheeler. Um terceiro título é *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*, publicado no Brasil em 2009 também pela editora Loyola. Este último, um guia para a interpretação de narrativas bíblicas de Daniel Marguerat e Yvan Bourquin, é um título importante por introduzir de maneira competente o leitor brasileiro a uma moderna metodologia de análise narrativa.

Falando agora dos autores brasileiros das variadas formas de ler a Bíblia como literatura, primeiro notemos *A Bíblia Hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica*, obra que nasceu como tese de doutorado de Eliana Branco Malanga e foi publicada em 2002 pela editora Humanitas. Outro título que merece uma breve menção é o trabalho de Jaldemir Vitória que, aderindo à crítica narrativa e sofrendo forte influência do livro já citado manual de Marguerat e Bouquin, escreveu seu próprio manual metodológico intitulado *Análise narrativa da Bíblia: primeiros passos de um método*, livro publicado em 2016 como parte de uma coleção da editora Paulinas chamada *Bíblia como literatura*.

Neste cenário é preciso ainda atentar para a presença de dois autores que têm contribuído de maneira significativa com a área através de diferentes trabalhos. Um deles é Júlio Zabatiero, autor que, sob influência da semiótica francesa, escreveu um *Manual de exegese* que foi publicado pela editora Hagnos em 2007. Zabatiero também publicou, em parceria com João Leonel, *Bíblia, literatura e linguagem*, livro introdutório que foi publicado em 2011 pela editora Paulus. Os dois pesquisadores também lançaram – dessa vez em parceria com Paulo Augusto de Souza Nogueira –, um livro chamado *A Bíblia sob três olhares* (2011), e João Leonel é ainda o autor de um bom trabalho sobre a abordagem literária da Bíblia cujo título é *Matheus: o evangelho* (2013).

Sentimo-nos obrigados a informar, antes de encerrar essa seção, que a produção desse último autor (João Leonel) é bastante variada e vai além do que aqui mencionamos; é uma produção crescente e relevante por aplicar,

nos estudos da Bíblia, a Teoria Literária, a Crítica Narrativa, a Literatura Comparada, fazer incursões pela História da Leitura e até lidar com questões de materialidade da literatura.

Enfim, não há como apresentar todas as obras publicadas no Brasil sobre o tema de nosso interesse, mas o leitor já pode notar que o volume de obras publicadas não é tão numeroso quanto gostaríamos, embora represente bem muitas das diferentes maneiras de ler e interpretar a Bíblia que estão sendo desenvolvidas e praticadas ao redor do mundo. Julgamos que a leitura dos títulos que constam nessa breve amostragem confirma aquilo que anteriormente dissemos, adotando as ideias de Richard Rorty, sobre a “cultura literária”: estes leitores e suas diferentes maneiras de ler a Bíblia não trabalham para oferecer *verdades* a seus leitores, mas para sugerir a Bíblia como rica fonte de conhecimento sobre o homem e a vida e incentivar leituras variadas.

Erich Auerbach e a Bíblia como literatura

Um passo seguinte nessa introdução às abordagens literárias da Bíblia pede que deixemos as generalidades e nos concentremos em questões mais pontuais, em metodologias mais específicas, em teorias mais detalhadas. Não temos dúvidas de que o melhor exemplo que poderíamos oferecer para aqueles que pretendem compreender a análise literária da Bíblia das últimas décadas antes de se aventurar nessa área dos estudos literários é o trabalho do crítico literário alemão Erich Auerbach.

Auerbach marcou época e influenciou os estudos bíblicos desde a publicação, em 1946, de uma obra intitulada *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. O primeiro capítulo do livro trazia uma breve, porém arguta análise da célebre narrativa de Gênesis 22.1-13, que conta a história do (quase) sacrifício do filho de Abraão. Ali o texto bíblico, considerado lacônico, econômico, obscuro, foi colocado ao lado do canto XIX da Odisseia, que contrasta dele especialmente pelo maior detalhamento descritivo. Auerbach julgou ter encontrado nessas passagens dois modelos de narração, dois padrões que ajudariam a compreender o desenvolvimento de toda a literatura ocidental. Ele escreveu:

Não é fácil, portanto, imaginar contrastes de estilo mais marcantes do que estes, que pertencem a textos igualmente antigos e épicos. De um lado (Odisseia), fenômenos acabados uniformemente iluminados, definidos temporal e espacialmente, ligados entre si, sem interstícios, num primeiro plano; pensamentos e sentimentos expressos; acontecimentos que se desenvolvem com muito vagar e pouca tensão. Do outro lado (Gênesis), só é acabado formalmente aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão (AUERBACH, 2011, p. 9).

Foi novidade o modo como Auerbach tratou da *laconicidade* típica das narrativas bíblicas. Contrariando a opinião de muitos outros especialistas da época, ele viu tal característica como uma questão de estilo e não como pobreza descritiva ou incapacidade autoral, juízo que ainda era empregado para manter a Bíblia fora do *cânone*, ausente na estante onde estavam reunidos os verdadeiros *clássicos*. Ele afirmou que, se em Homero tudo é explícito, na Bíblia o que salta aos olhos é o que não é narrado, os muitos vazios que produzem ambiguidades, as incertezas que estimulam os diálogos entre texto e leitor. A tomada de consciência desse potencial de plurissignificação tornava a Bíblia muito mais atraente ao crítico literário moderno que, como vimos, vive sob uma “cultura literária” que valoriza a transitoriedade das ideologias, a ambiguidade das produções artísticas, que não busca respostas fixas, verdades enrijecidas.

Segundo Auerbach, Homero permite que o analisemos, mas nunca obtemos grande sucesso fazendo *interpretações* de seus versos. Na Bíblia, por outro lado, o que à primeira vista nos parece incompletude é também o que exige de cada leitor um constante fazer hermenêutico para que tais textos se tornem relevantes. Os muitos espaços deixados para o trabalho do leitor incentivam as sucessivas interpretações e, indiretamente, contribuem com a durabilidade dessa literatura. Por conta dessa laconicidade o leitor da Bíblia não deixa de empreender novas leituras, de usar sua imaginação no processo de produzir sentidos, o que faz com que a Bíblia pareça um livro inesgotável no interior de uma comunidade leitora:

[...] o crente se vê motivado a se aprofundar uma e outra vez no texto e a procurar em todos os seus pormenores a luz que possa estar oculta. E como, de fato, há no texto tanta coisa obscura e inacabada, e como ele sabe que Deus é um Deus oculto, o seu afã interpretativo encontra sempre novo alimento (AUERBACH, 2011, p. 12).

Mas Auerbach, além de tratar da laconicidade como característica peculiar dos narradores bíblicos, também notou que a *fragmentariedade* bíblica, resultado de um processo redacional duradouro e complexo, é outro elemento que faz com que a Bíblia seja algo que possamos chamar de *livro aberto*.

Como crítico literário acostumado a lidar com a literatura moderna, ele observou, por exemplo, que os principais personagens bíblicos, aqueles que ocupam muitas páginas, cuja aventura se estende vários capítulos e até livros, são personagens especialmente desenvolvidos por causa dessa mesma fragmentariedade. Isso quer dizer que, pela justaposição de tradições textuais variadas, o efeito que se produz resulta em personagens mais complexos, que evoluem, mudam, aprendem, contradizem-se, envelhecem: “[...] os próprios

seres humanos dos relatos bíblicos são mais ricos em segundos planos do que os homéricos; eles têm mais profundidade quanto ao tempo, ao destino e à consciência” (AUERBACH, 2011, p. 9). Parte desses movimentos irregulares que desafiam nossos padrões de coerência resultam da colagem de textos oriundos de diferentes fontes, mas o que importa ao crítico literário é que o resultado final desse trabalho redacional produziu personagens que, em alguns aspectos, antecipam a profundidade e a individualidade que a literatura ocidental demoraria muitos séculos para experimentar e consagrar em seus romances (AUERBACH, 2011, p. 14-17, 19).

No segundo capítulo de *Mimesis* Auerbach questiona, também levando em conta a história da literatura ocidental, outra particularidade da antiga literatura bíblica que o deixa admirado: *a eleição de personagens socialmente marginais*. Lendo a *história da negação de Pedro* no Evangelho de Marcos, ele observa que os personagens em cena são pescadores, escravos, soldados..., “pessoas do dia-a-dia, do povo”, e diz que “Coisa semelhante só é concebível na Antiguidade como farsa ou comédia”. Segundo seu julgamento, “A um escritor grego ou romano nunca teria ocorrido descrever tão pormenorizadamente um tal assunto”, pois jamais “poderia acontecer que reações tão diversas em tantas personagens de extração popular se convertessem em tema central da representação (AUERBACH, 2011, p. 35-37). Com isso, a Bíblia revela seu surpreendente caráter marginal e antecipa a eleição de personagens, cenários e temas das classes subalternas que, mais uma vez, só se tornariam comuns na literatura moderna. A Bíblia é, afinal, um improvável produto cultural de uma nação subdesenvolvida que, talvez por isso mesmo, se tornou célebre primeiro entre os adeptos de uma religião que Nietzsche chamou de “platonismo para o povo”, um produto cujo valor salta aos olhos da elite apenas quando os estudos culturais passam a dar atenção àquilo que existiu além dos palácios, das cortes, das guerras etc.

Outro tema relevante que Auerbach teve o mérito de propor para a crítica bíblica contemporânea é o que diz respeito à retórica: ele observou que as narrativas bíblicas não foram construídas para servirem como objetos de entretenimento para leitores que fruem seus momentos de ociosidade; antes, as páginas bíblicas mantêm a seriedade do começo ao fim tendo por objetivo influenciar o leitor em sua própria visão de mundo, o que também é especialmente importante para os estudos sobre a recepção da Bíblia:

A pretensão de verdade da Bíblia é não só muito mais urgente que a de Homero, mas chega a ser tirânica; exclui qualquer outra pretensão. O mundo dos relatos das Sagradas Escrituras não se contenta com a pretensão de ser uma realidade historicamente verdadeira – pretende ser o único mundo verdadeiro, destinado ao domínio exclusivo [...] Os

relatos das Sagradas Escrituras não procuram nosso favor, como os de Homero, não nos lisonjeiam para nos agradar e encantar – o que querem é nos dominar [...] Quando isso se torna impraticável, pela transformação demasiado profunda do meio ambiente e pelo despertar de uma consciência crítica, a pretensão à autoridade corre perigo [...] os relatos bíblicos convertem-se em velhas lendas e doutrina [...] (AUERBACH, 2011, p. 11-13).

Assim, a Bíblia e Homero foram escolhidos como pontos de partida para que Auerbach falasse sobre toda a “representação literária da cultura europeia” (AUERBACH, 2011, p. 19-20), o que fez com que mais e mais pessoas reconhecessem o papel da Bíblia na formação de uma tradição que originou o cânon literário ocidental:

Os dois estilos representam, na sua oposição, tipos básicos: por um lado, descrição modeladora, iluminação uniforme, ligação sem interstícios, locução livre, predominância do primeiro plano, univocidade, limitação quanto ao desenvolvimento histórico e quanto ao humanamente problemático; por outro lado, realce de certas partes e escurecimento de outras, falta de conexão, efeito sugestivo do tácito, multiplicidade de planos, multivocidade e necessidade de interpretação, pretensão à universalidade histórica, desenvolvimento da apresentação do devir histórico e aprofundamento do problemático [...] esses estilos exerceram sua influência constitutiva sobre a representação europeia (AUERBACH, 2011, p. 20).

A abordagem literária da Bíblia nas gerações posteriores tinha em Auerbach um pioneiro competente e um grande incentivo, e isso nos faz afirmar que a publicação de *Mimesis* foi um marco na história das recentes abordagens literárias da Bíblia. Outros estudiosos seguiriam aquele exemplo ao tomar a Bíblia como campo de experimentações dentro dos estudos literários e, ainda hoje, discutir a laconicidade das narrativas bíblicas, as inumeráveis possibilidades interpretativas que disso decorrem, a complexidade dos fragmentários e marginais personagens bíblicos e o caráter tirânico, o tom impositivo de sua linguagem e os efeitos que isso provoca sobre diversos tipos de leitores, são temas que suscitam discussões que não se esgotarão tão cedo. Aquele foi, sem dúvida, um dos momentos mais importantes para que a Bíblia viesse a ser lida como literatura desde então, um momento que nós também pretendemos aproveitar em nossas próprias leituras.

Considerações finais

Este artigo discorre sobre um tema atual, sobre uma produção intelectual que está em pleno desenvolvimento. Isso significa que a lista de obras citadas ao longo do artigo logo se tornará (mais) incompleta e que as conclusões

alcançadas possuem, necessariamente, um valor provisório. O objetivo, contudo, era atualizar o leitor brasileiro que se interessa por ler a Bíblia como literatura, inteirá-lo dos temas relevantes que movimentam a área, inseri-lo no *sistema literário* em formação que aos poucos concede uma identidade às abordagens literárias da Bíblia no Brasil pelo contato com os principais autores e, quiçá, incentivar sua própria participação nele. Não se esconde, também, nossa vontade de integrar nossa própria capacidade produtiva a esse mesmo sistema literário.

A heterogeneidade contatada na produção consultada e há pouco apresentada tanto pode confundir os novos críticos como incentivá-los. Há tantas entradas, tantas maneiras ler a Bíblia que o cenário multidisciplinar permite que esta geração se aproprie da tradição bíblica para variados interesses. Se a Crítica Narrativa hoje torna, como vimos, mais evidente o potencial polisêmico dos textos bíblicos e faz mais compreensível a complexa história de sua interpretação, a variedade de seus usos, isso também pode servir como um convite para que participemos ativamente dessa história produzindo nossas próprias leituras, arriscando nossas próprias interpretações, inserindo naquelas lacunas, naquela obra particularmente aberta, nossas próprias visões de mundo e ideologias. Já não há limites; já não há heresias; a Bíblia é agora um livro que pertence a todos, um tesouro cultural capaz de pôr em diálogo antigas e novas gerações a fim de extrair dessa ação inovadoras produções artísticas, religiosas, filosóficas etc.

Se escrevemos para incentivar a participação de biblistas, exegetas e críticos literários nessa história, é porque esperamos reconhecer, num futuro não muito distante, o que há de peculiar na crítica brasileira dos textos bíblicos.

Referências bibliográficas

- ABADÍA, José Pedro Tosaus. *A Bíblia como literatura*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Orgs.). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BÍBLIA, v. 1. *Novo Testamento: os quatro Evangelhos*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BÍBLIA, v. 2. *Novo Testamento: apóstolos, epístolas, Apocalipse*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BLOOM, Harold. *Abaixo as verdades sagradas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

- BLOOM, Harold. *Onde encontrar a sabedoria?*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- CHWARTS, Suzana. Do estudo acadêmico da Bíblia Hebraica. *Revista de Estudos Orientais*, v. 6, p. 36-43, 2008.
- FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2003.
- LEONEL, João. *Mateus, o evangelho*. São Paulo: Paulus, 2013.
- LEONEL, João; ZABATIERO, Júlio; NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *A Bíblia sob três olhares*. São Paulo: Fonte, 2011.
- LIMA, Anderson de Oliveira. *A Bíblia como literatura no Brasil: história e análise de novas práticas de leitura bíblica*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie (Tese de doutorado em Letras), 2015.
- LIMA, Anderson de Oliveira. A história da negação de Pedro: uma crítica literária e ateológica. *Teoliterária*, v. 8, n. 15, 2018.
- LOURENÇO, Frederico. *O livro aberto: leituras da Bíblia*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2017.
- MALANGA, Eliana Branco. *A Bíblia Hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2005.
- MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.
- MILES, Jack. *Cristo: uma crise na vida de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MILES, Jack. *Deus, uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- RORTY, Richard. *Filosofia como política cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- VITÓRIO, Jaldemir. *Análise narrativa da Bíblia: primeiros passos de um método*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- ZABATIERO, Júlio P. T. *Manual de exegese*. São Paulo: Hagnos, 2007.
- ZABATIERO, Júlio P. T.; LEONEL, João. *Bíblia, literatura e linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011.

Submetido em: 27-4-2020

Aceito em: 5-5-2020